

Os pilares da política econômica são premissas falsas

As bases da estratégia FHC são mais arenosas do que as colunas do edifício Palace II, que desmoronou

As apostas equivocadas que levaram o país à beira da insolvência e à crise social decorrem de análises erradas, inicialmente a de supor que a economia mundial viveria um ciclo de expansão do qual o Brasil estaria se beneficiando

Dizia FHC no início de seu governo: "Os catastrofistas vão quebrar a cara. O Brasil vai tirar partido da teoria de Kondratieff, cujo ciclo está em ascensão."

Baseava-se na teoria do brilhante economista russo que afirmava que a economia se desenvolve em ciclos. Só que esta é uma afirmativa teórica, acadêmica e com probabilidades de ser mal interpretada, mal visualizada ou de não ocorrer como se desejava. E não ocorreu. O mundo está caindo num abismo econômico-financeiro nunca antes verificado.

A abertura do mercado

A equipe econômica abriu o mercado às importações, sob o argumento de que, escancarando-o, estimularia a produtividade e a

competitividade. Ora, nenhum país desenvolvido usou essa premissa. O Japão, a Coréia, a Europa, os Estados Unidos são economias fechadíssimas e que possuem legislações protetoras de suas empresas.

No Brasil, além de não ajudar as empresas nacionais, o governo ainda eleva os juros a valores empresarialmente inviáveis. "Juros acima de 10% ao ano quebram qualquer país", dizia Lee Iacocca.

Quanto à abertura, os únicos países emergentes que estão em situação razoável hoje são a Índia (com crescimento anual de 3% do Produto Interno Bruto) e a China (8,7% do PIB). Estas duas nações são, por coincidência, as únicas que decidiram não escancarar os seus mercados.

O neoliberalismo

"Eu sou um cartesiano e pauto minhas ações nessa filosofia", disse FHC.

Ora, René Descartes e Isaac Newton foram cientistas brilhantes que prestaram relevantes serviços à humanidade, mas implantaram em todas as ciências, exatas, humanas, biológicas e sociais um conceito pernicioso de divisão e setorização de sistemas que causou vários problemas à humanidade.

Chegou aos píncaros com o neoliberalismo e a sua linha mestra que é a competição, a divisão, enfim a guerra fratricida. Trezentos anos depois, a física quântica desmonta, de forma fragorosa, esses conceitos de Descartes e Newton.

O que fica patente é a interrelação dos elementos do universo, a integração, enfim o conglomerado de Bose-Einstein, que é fundamento dos raios laser e até da mente humana e muitos outros sistemas do universo, que se baseiam na integração, na união, na soma de esforços, na sintonia.

O que o Brasil tem sofrido é uma desintegração de pessoas, de pensamento, de esforços, de energia, desumanização sem precedentes.

O egocentrismo, o egoísmo, o "euquipe" se manifestam profundamente claros em cada votação no Congresso. Todo parlamentar "governista" vota em troca de alguma coisa: cargo, verba, oportunismo e, infelizmente, até suborno.

Internacionalização da economia

"O governo incentiva de todas as formas a desnacionalização da economia para melhorar a competitividade".

Ora, o que faz as multinacionais investirem no país? Um grande mercado potencial, matéria-prima e mão-de-obra baratas, além de uma exportação altamente vantajosa.

O que elas trazem? Trazem o trabalho braçal: montagem, manutenção, transporte, venda, operação. Nada disso agrega valor ou contribui para o desenvolvimento sustentado. E ainda trazem indústrias poluidoras.

O conhecimento, a tecnologia, o "know-how" e "know-why" ficam nas matrizes das empresas. Não trazem nada. Mesmo o trabalho braçal está gerando cada vez menos empregos, em face do elevado e crescente nível de automação.

Se nós continuarmos exportando ferro, manganês, quartzo e outros produtos por um valor médio, digamos, de R\$ 50,00 por tonelada, o Brasil, embora potencialmente o país mais viável do mundo, continuará pobre.

Se, entretanto, agregarmos valor aos produtos, fabricando tevês, vídeos, secretárias eletrônicas, podemos exportar por R\$ 50.000,00 por tonelada. A diferença é a tecnologia e isto só geraremos com empresas nacionais, estatais ou privadas. Aliás, 80% da tecnologia do país tem sido gerada por estatais, institutos militares e universidades. E, por incrível que pareça, os mais esvaziados pelo governo federal (e não por coincidência).

Portanto, os quatro pilares da estratégia FHC - suposição de conjuntura favorável, abertura de mercado às importações, neoliberalismo e internacionalização da economia - são mais arenosos do que as colunas do edifício Palace II, que desmoronou.



Associação dos Engenheiros da Petrobrás

Av. Nilo Peçanha, 50 - grupo 2409 - Centro - Rio de Janeiro - RJ - Cep: 20044-900

Tel: (021) 533-1110 - Fax: (021) 533-2134 - e-mail: aepet2@ax.apc.org

Editado pela Assessoria de Comunicação Social